



ISSN 2359-5051

Revista Diálogos Interdisciplinares GEPFIP/UFMS/CPAQ

Grupo de Estudos e Pesquisa em Formação
Interdisciplinar de Professores

TRAMA E TRAÇADOS DA DONA

TRAMA & TRAITS OF THE DONA

Jehferson Guimarães Alves Da Rosa¹

RESUMO

Este texto reflete sobre as tramas e traçados cultural, intelectual, sentimental e política transmitidos pela vida que talvez possamos chamar de de-colonial de Dr^a Dona Domingas Leonor da Silva, o texto é um relato aportado em estudiosos, o texto vem destacando a necessidade de preservar e transmitir esses conhecimentos populares e experiências vivenciadas. Enfatiza sua influência na cultura de Cuiabá, Mato Grosso, e sua resistência social, valorizando a cultura ribeirinha. O texto aborda a multiplicidade de suas práticas culturais, seus símbolos intelectuais, seu posicionamento afetivo e seu ativismo político, promovendo um diálogo intergeracional sobre a importância da cultura e da mulher ribeirinha na sociedade. No texto nos concentraremos em quatro pontos, sendo em um primeiro momento a multiplicidade vigente no redor de sua existência contemplando as práticas culturais e interculturais, e produção de cultura. Depois os símbolos e signos em sua intelectualidade de mulher. Também seu posicionamento afetivo e sentimental e por fim Dona Domingas e sua posturada resistência, ativismo e poder de impacto social, conseguindo assim espaço político articulado. Este curto coloquio visa enaltecer não apenas um pouco da trajetória pessoal, mas também sua influência no movimento poderoso da cultura mato-grossense, buscando um diálogo intergeracional sobre a importância da cultura e da mulher ribeirinha para os significados de nossa existência humana. Fazendo um diálogo com Stuart Hall na questão da identidade cultural, Bell Hooks sobre os inúmeros feminismos, e Eduardo Palmer Thompson quando trata de grupos sociais e seus poderes de coletivos.

Palavras-chave: Siriri. Educação. Popular. Cultura. Diversidade. Herança.

ABSTRACT

This text reflects on the cultural, intellectual, sentimental and political plots and traces transmitted by the life that we can perhaps call the decolonial life of Dr. Domingas Leonor da Silva. The text is a report based on scholarship and highlights the need to preserve and transmit this popular knowledge and lived experience. It emphasizes her influence on the culture of

¹ Mestrando em Estudos Culturais, UFMS-PPGCult jehfersonguimaraes@gmail.com



Cuiabá, Mato Grosso, and her social resistance, valuing the riverine culture. The text addresses the multiplicity of their cultural practices, their intellectual symbols, their affective positioning and their political activism, promoting an intergenerational dialogue on the importance of culture and riverine women in society. In the text, we will focus on four points: first, the multiplicity of their existence, including cultural and intercultural practices and the production of culture. Then the symbols and signs in their intellectuality as women. Then her affective and sentimental positioning, and finally Dona Domingas and her attitude of resistance, activism and power of social impact, thus achieving an articulated political space. This short colloquium aims to highlight not only her personal trajectory, but also her influence on the powerful movement of Mato Grosso culture, seeking an intergenerational dialogue on the importance of culture and riverine women for the meaning of our human existence. Dialogue with Stuart Hall

Keywords: Siriri. Education. Popular. Culture. Diversity. Heritage.

1. INTRODUÇÃO

Em um curto resumo sobre a pesona da Doutora Honoris Causa Domingas Leonor da Silva. Um resumo sobre Vovó Domigas, narrando que ao meu simplorio ver, Domingas é a personificação da Resistencia Identitária o firmeza que postula e ratifica a formação do poder da mulher ribeirinha, durante o texto vou aportar esta visão em um olhar mais proximo da ciencia e do pensamento dos estudos culturais... Nascida em Cuiabá no ano de 1954, ela é uma personagem que figura como verdadeiro ícone no centro oeste do Brasil, fazendo ações de efetiva preservação e divulgação da diversidade nas tradições culturais do povo ribeirinho Cuiabano. Carinhosa e respeitosa chamada pela grande maioria dos que a conhecem por Dona Domingas, O ante nome DONA que simbolicamente poderia ser uma maneira do interlocutor aferir sobre aquela que recebe este antecedente nominal “respeito ou não”, pois Conforme texto do pesquisador da Unicamp (Universidade Estadual de Campinas) Guilherme de Camargo Scalzilli “Dona” palavra, com origem no latim, segundo o dicionário Houaiss, esta palavra começou a ser utilizada nas famílias reais de Portugal e do Brasil como tratamento de mulheres que tinham algum título de superioridade, no entanto, o uso pode variar conforme a pessoa, o interlocutor e pode ter significados diferentes às vezes opostos, conforme o contexto e a quem ele se refere. “dependendo do contexto enunciativo e da pessoa referenciada, o pronome pode exibir traços discursivos opostos, que se entrelaçam num mesmo posicionamento político-ideológico.” (Guilherme Camargo, p. 318) Neste caso exclusivamente Dona inferido para Domingas Leonor da Silva imputa a ela, poder, pose e domínio. Poder de movimentar se como quer, onde quer e da maneira que quer, pose de saberes intelectuais que ultrapassam barreiras literárias e acadêmicas não deixando de compreendê-las, e domínio de si mesma de suas origens, de suas inúmeras possibilidades identitárias.



A doutora Domingas é de maneira amorosa chamada por muitos pelo doce codinome Dominguinhas, usualmente os que a chamam assim pode ser aqueles que perpassaram o período de grande luta e batalha para manter tanto a comunidade de onde ela vem, viva, quanto as terras onde ela mora preservadas, e principalmente movimentar o processo cultural local para além de fronteiras. Com o tempo ela tem sido reverenciada não apenas como artesã e ceramista profissão da qual a mesma é uma das mais habilidosas, o que a auxiliou no traçado de suas rotas de sobrevivência e subsistência desde o período dos anos iniciais de sua vida até hoje. Vale lembrar que esta profissão Ceramista foi o que a sustentou durante muito tempo, e suas obras de arte estão pela 'cuiabania' toda, bem como já foram exportadas para todo território nacional ou até internacional.

O texto fala sobre as tramas que são os enredos da vida de Domingas, os traçados que seriam as marcas, os registros históricos literários sobre sua vida. Da Dona que como no dicionário significa proprietária, senhora, matrona neste caso falo da cultura, da sua intelectualidade de mulher, da afetividade matriarcal e do postulado político social impactando a maneira de reformular costumes, símbolos e significados para vida de um povo, todo este legado tento alinhar de maneira academica neste texto.

2. MULHER PLURAL

Neste ponto do texto quero fazer um pequeno adendo no que tange da resistência e separação social sofrida pelos artesãos, obs. Domingas é amior referencia de artesã da grande Cuiabá ao menos a mais conhecida, premiada e postulada pelas academia, pela arte e pela sociedade esta visão sobre ela não é restrita a minha pessoa, é um olhar reconhecido coletivamente o que tem desta forma respaldo científico e de pesquisa. Este grupo social dos artesãos tão pungente no país onde a grande maioria vive em subsistência econômica e profissional, alavancado pelo sistema capitalista que move esta complexidade do tratamento e diferenciação de uma obra de um artesão ou um artista, talvez tema para outra pesquisa. Porem neste adendo quero questionar, qual a diferença de um artesanato para uma obra de arte? Esta diferanciação que está posta nem sempre está baseada em critérios científicos, e quase sempre nos determina um limite de classe, e de aceitação estética impondo padrões de exclusão e depreciação, menorizando as possibilidades artísticas para este grupo por exemplo. Mas vou deixar este tema em aberto para uma próxima discussão.

É importante citar que mesmo com a diferença no tratado social na qual é posto a um artesão e a um artista plástico, uma obra artística e um artesanato, os dois inferem o mesmo



trabalho manufaturado, no entanto, os valores são baseados no interesse do sistema capital e muitas vezes não movimentam esta possibilidade de valorização, e manutenção da dinâmica criativa sendo um sistema excludente, de uma determinada maneira inferindo classe social ao trabalho humano, neste fato as atitudes fortes de Domingas são no mínimo determinantes, transmissivas e plural ademais re-significativas. Ela ceramista e suas obras estão atuando como uma voz vibrante no cenário cultural brasileiro, que Sá do mundo, deixando a marca de sua arte, aqui não posso me ater somente ao artesanato devido à multiplicidade de armas artísticas e artimanhas usadas por Doutora Domingas para tecer sua trama histórica tão importante no cenário dos estudos culturais.

A sua ação de trabalho se demonstra a anos um trabalho incansável que transcende as fronteiras da arte da música ou da dança, permeando também as inúmeras esferas do ativismo feminino, ribeirinho e comunitário. Não teria como formar um pensamento sobre tal mulher, sem dizer de onde ela vem, originária do hoje chamado de bairro de São Gonçalo Beira Rio, este lugar fascinante e gracioso à margem dos rios coxipó e Cuiabá, rios que delinham a identidade ribeirinha cuiabana.

Domingas desde cedo demonstrou um profundo interesse pelas manifestações populares, folclóricas, mas também as manifestações políticas e sociais locais, sempre esteve engajada nos processos culturais, festivos, religiosos, econômicos e políticos de sua comunidade. Foi pioneira ao desafiar e desconstruir as convenções de gênero quando em meio ao período dos anos 70 ela se desafia a tocar tamborim e ganzá nas manifestações cultural o siriri, e em outra manifestação cultura mais regida e patriarcal o cururu riscar o instrumento percursionista o ganzá em meio a rodas de cururu, onde majoritariamente somente homens poderiam entrar, ela foi progressista e transformadora, pois em meio a este movimento do CURURU ela toma pose do ganzá e é a primeira mulher a fazer a função desta manifestação popular cultural sem se deixar oprimir pelo preconceito, esta feita denota uma linha de raciocínio feminista e posturado de Dona Domingas, que dialoga de modo claro com a contemporaneidade dos pensamentos dos estudos culturais, quando intersecciona lutas de inúmeras mulheres em uma só ação, ela mulher, ameríndia, em sua parditude, e sua força fulguz se coloca em meio ao patriarcado religioso desta manifestação cultural CURURU, e não só toca um instrumento, mas se destaca entre os que fazem aquela função, respeitada em seu emponderamento feminista por todes, todas e todos. Este fato toma proporções grandiosas, visto que as manifestações artísticas culturais do SIRIRI e do CURURU seria duas Das principais eventualidades artísticas daquele lugar, acontecendo nos quintais e depois posto nas festas tradicionais e eventos diversos. Este lugar e espaço social que eram historicamente dominados por homens, se torna um forte exemplo do posicionamento de Domingas que se coloca na contramão do sistema patriarcado



dominante.

A determinação em quebrar barreiras de gênero, moldaria não apenas sua trajetória pessoal, mas também influenciaria suas futuras iniciativas culturais e de seus herdeiros, mesmo aqueles que não são herdeiros de ligação sanguínea, aqui me coloco como tal, por apreender muito com ela, estar com esta mulher “F*d@” simboliza estar se alimentando de uma herança cultural extraordinária. E estar com ela naquele bairro, naquela comunidade, a beira daquele rio, embaixo daquela árvore, comendo do seu revirado cultural e alimentício é um presente para os que a rodeiam e a tem como mestra

2.1 Ratificando a hereditariedade nos traçados e tramas da Doutora Honóris Causa Domingas leonor da Silva

Mais de três décadas se passam da fundação o renomado grupo de danças o Flor Ribeirinha antecede este período o que Domingas dedicou-se apaixonadamente à promoção e revitalização do siriri, do cururu, do rasqueado e do boi-da-serra. Um fato sempre fala em seus diálogos sobre uma dança chamada dança do “Pirikão” em suas memórias talvez esteja morrendo esta lembrança, mas me lembro que sempre comentou sobre esta dança também. Estas expressões artísticas para ela não são apenas formas de entretenimento,mas rituais que conectam profundamente com as raízes indígenas e caboclas de um povo. Ela mesmo sempre diz, toda batida de tambor, todo passo de uma dança seria uma reverência aos ancestrais, aos poderes sobrenaturais, e uma celebração da identidade de sua gente, esta celebração que traz uma forte memória afetiva e espiritual que expulsa os maus espíritos e atrai as boas vibrações energéticas. Além de seu trabalho como artista, cantora e dançarina.

Domingas que é uma mestra no artesanato manufactureiro do barro, narra que esta habilidade ela aprendeu com sua mãe, Dona Joana que é de onde vem sua descendência de índia coxiponé, o que ratifica a hereditariedade não só genética e cultural das mulheres ameríndias, esta artesã ancestral não só enriquece visualmente a cultura material da região, o serviço funciona para ela como uma forma de terapia. Por falar em terapia, a prática terapêutica é um dos meios de iniciativa ativista política desta grande mulher, foi através destas práticas que no Centro de Atenção Psicossocial de Cuiabá, Domingas compartilhou sua especialização e paixão com aqueles que buscam cura, movimentando a vida através do trabalho manual e da atividades de artesanato. Nesse sentido a vida de Dona Domingas não se limitou apenas ao campo das artes e da cultura. Tangencio se pela política local, foi presidente de várias iniciativas e associações comunitárias, incluindo a Associação de Moradores de São Gonçalo Beira Rio, a Associação de Mães da comunidade e a Associação de Ceramistas, e com seu dinamismo e sua postura de liderança nata Dona Domingas se torna reconhecida e valorizada pela comunidade,



pela cidade, pelo estado e hoje transcende as fronteiras internacionais.

Fora da dialética material, esta grande mulher carrega uma energia contagiante, que se materializa em seus comprometimentos alinhados com o bem-estar coletivo o que a torna uma figura respeitada e admirada por todos que cruzam seu caminho.

A trajetória de Domingas é uma narrativa de resistência e perseverança, uma história de como uma mulher, enraizada nas tradições ribeirinhas cuiabanas, conseguindo a preservar, mas também revitalizar como um verdadeiro patrimônio cultural único, ressoando como salvaguardadora.

Com uma dedicação realmente incansável, reluz aos olhos da academia sendo honrada com o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Mato Grosso, um reconhecimento de seu impacto duradouro e significativo no campo das artes, cultura e das tradições ameríndias. Nos palcos dos festivais e também nos palcos pelo Brasil ou pelo mundo, o grupo Flor Ribeirinha, sob sua liderança, encantou plateias e elevou a bandeira da cultura mato-grossense a novos patamares. De Joinville a Ouro Preto, de Lima do Peru a Assunção no Paraguai, da França até a Alemanha, Da China aos Emirados Árabes, Domingas não apenas compartilhou e compartilha suas habilidades artísticas, mas também promoveu e promove um intercâmbio cultural enriquecedor, ganhando prêmios e reconhecimentos internacionais ao longo do caminho. O reconhecimento de seu trabalho não se limita aos palcos e às manifestações artísticas da música e danças. Domingas foi agraciada com diversas homenagens, incluindo a "Medalha Lenine Póvoas" de Honra ao Mérito Cultural pela Assembleia Legislativa, Moções de Aplauso, Destaques Culturais e o Troféu Mulher, entre outros. Seu compromisso com a cultura mato-grossense também foi celebrado pela Secretaria Estadual de Cultura e pela Prefeitura Municipal de Cuiabá, e outros órgãos estatais ou privados, em reconhecimento ao seu trabalho. Além de suas realizações culturais. Domingas também participou de eventos memoráveis, como a recepção ao ex-Ministro da Cultura Gilberto Gil e ao jogador Ronaldo Fenômeno, eventos que destacam sua influência não apenas na cultura local, mas também em um contexto nacional e internacional mais amplo. Sua participação em produções televisivas e eventos de grande escala de alcance midiático, são testemunhos de sua versatilidade e impacto cultural.

Atualmente, além de seus desempenhos, Domingas dedica-se à criação de peças cerâmicas, à organização de oficinas de artesanato e ao planejamento de outros contextos que se alinham ao empreendimento cultural e a gastronomia local visto que a mesma possui uma incrível habilidade culinária. Busca também promover encontros e celebrações da cultura ribeirinha em seu bairro natal, São Gonçalo Beira Rio. Domingas Leonor da Silva destaca-se como uma guardiã incansável das tradições e valores que definem a identidade Mato-grossense.



Sua vida e trabalho são um testemunho vivo da importância de preservar e valorizar as raízes culturais, enquanto simultaneamente se adapta e responde aos desafios contemporâneos. Ela personifica a essência da resistência cultural e da resiliência comunitária, inspirando gerações presentes e futuras a se deslocar em um modo recôncavo e re-convexo em suas origens, e a defender suas próprias formas de expressão. Agora que pouco ainda falamos de uma curta introdução sobre Dr^a Domingas Leonor da Silva vamos a alguns detalhes importantíssimos sobre a existência desta mulher.

Mesmo que eu quisesse este texto não seria suficiente para falar, ou fazer uma narrativa sobre história desta mulher tão grandiosa, talvez o livro sobre a história dela será capaz de descrever uma boa porcentagem de sua existência, porém este texto pretende se ater em formatar e identificar pontos da existência de Dona Domingas que ratifiquem a hereditariedade cultural, intelectual, social, sentimental e política transicionada por Dona Domingas ao contemporâneo que vivemos. O fato de Dr^a Domingas Leonor da Silva formatar a produção de um legado de cultura e tradição que transcende fronteiras e inspira gerações, de que a vida dela é um testemunho vivo da resiliência cultural e do poder transformador das artes por meio das práticas cotidianas. Ela figura como verdadeira Guardiã das raízes mato-grossenses, e seu trabalho ser este farol de resistência e celebração da identidade ribeirinha, do povo da Comunidade São Gonçalo Beira Rio, fazem trazer a pretensão deste texto é fazer este paralelo da vida de Dona Domingas com os Estudos Culturais.

3. A TRAMA E O TRAÇADO CULTURAL

Antes de dialogar sobre o traçado de Dona Domingas na trama Cultural, vamos delinear aqui um curto conceito básico de Cultura. O que define cultura, afinal? E quais os sentidos atribuídos à cultura dentro do campo dos Estudos Culturais ou da antropologia? Para isto tomaremos como referência a obra "Cultura: um conceito antropológico", originalmente publicado em 1986 pelo renomado professor Roque de Barros Laraia, a obra foi utilizada amplamente na formação de cientistas sociais e antropólogos em todo o Brasil, podemos explorar o tema por meio de uma linguagem acessível e didática presente neste livro, o que se assimila ao modo de ensinamento das culturas populares transmitidas pelas informações verbais e notícias orais, ou mesmo os repasses de saberes populares como as danças, o artesanato, a pesca e outras formas de manutenção cultural e transmissões de seus saberes se afinando com a vida e existência de Dona Domingas.

Na primeira parte da obra, o professor Roque delinea a evolução do conceito de cultura ao longo dos séculos, desde os primeiros iluministas até os pensadores contemporâneos. Na



segunda parte, o autor discorre sobre a ideia de que, embora compartilhem uma unidade biológica comum, nossa diversidade de hábitos, comportamentos, modos de pensar, agir, vestir, construir, caminhar, comer, rezar, amar e até mesmo transar irão ser moldadas pela cultura na qual estamos imersos, neste contexto a história de Dona Domingas ratifica que sua potência cultural vem desta cultura ribeirinha e popular na qual está imersa desde que nasceu. No texto Laraia diz que nos tempos antigos, os exploradores e descobridores de novos mundos frequentemente tentavam explicar as variações comportamentais e a diversidade humana, atribuíam tais diferenças as localizações geográficas, como o caso em que o arquiteto italiano Marcos Pólio e o filósofo árabe do século XIV eram considerados mais perspicazes, pois faziam uma ligação às raridades da atmosférica por vezes da falta de calor, em contraste com habitantes de regiões mais quentes, descrevendo estes locais como possuidores de uma inteligência mais preguiçosa, porém mais apaixonados e astutos.

Noutra forma o determinismo biológico foi utilizado para justificar essas distinções culturais, como a crença de que os nórdicos eram mais inteligentes que os negros, os alemães mais habilidosos em mecânica, os japoneses excelentes em matemática, e assim por diante. No entanto, como afirmam os antropólogos, não há correlação direta entre características genéticas e o comportamento cultural. Segundo Laraia, qualquer criança humana, seja ela de qualquer origem étnica ou nacionalidade, pode ser educada em qualquer cultura se for exposta a ela desde cedo. Baseado neste pensamento Domingas Leonor da Silva foi criada desde que nasceu em situações que exigiram desta mulher uma força ímpar, comunidade ribeirinha sem condições estrutura pólico social, mas dotada de características peculiares.

Voltando a conceitualização de cultura o texto de Laraia nos leva a uma reflexão profunda tentando entender que as diferenças de comportamento são materialmente reais, diferenças entre os sexos, por exemplo, estas diferenças que não são determinadas pelos órgãos sexuais. A divisão sexual do trabalho e outros aspectos da vida humana são moldados culturalmente, não biologicamente. Por exemplo, em certas aldeias, são as mulheres que carregam água por longas trilhas na mata, enquanto os homens se dedicam à caça. Entre os Tupis, é o homem que cuida da mulher após o parto, enquanto ela trabalha na roça. Assim, as experiências de homens e mulheres são reforçadas pela cultura e sociedade em que vivem, moldando seus comportamentos ao longo da vida. Cultura, portanto, refere-se a todos os comportamentos aprendidos e compartilhados entre as pessoas, não sendo transmitida geneticamente. Importante salientar que não existem culturas mais ou menos desenvolvidas, nem uma linha evolutiva na qual algumas sejam superiores às outras. Cada cultura deve ser compreendida dentro de seus próprios termos. Não podemos impor nossos próprios padrões culturais sobre outras comunidades.



Devemos evitar julgar os costumes alheios como errados ou necessitando de correção. A diversidade cultural é rica e dinâmica, constantemente interagindo e se modificando no contexto globalizado atual. Projetos políticos que buscam a pureza cultural devem ser vistos com desconfiança. Portanto, cultura abrange um vasto guarda-chuva de crenças, hábitos, formas de pensar, agir e se expressar, transmitidos e compartilhados entre pessoas. É o reflexo de um longo processo de acumulação cultural, cuja manipulação permite inovações, invenções e avanços tecnológicos. Não se resume a um acúmulo de capital cultural, como conhecimento literário ou viagens internacionais. É uma teia complexa de práticas culturais e costumes, em constante interação com outras culturas ao redor do mundo. Tendo este breve rabisco e conceitualização de Cultura e entendendo como a vida e existência de Dona Domingas ratifica este conceito, vamos agora abordar o contexto de origem e resistência cultural no ativismo revolucionário, na longevidade dentro do que pouco eu como pesquisador sei da vida de Domingas Leonor da Silva, e este pouco pode ser útil para abaular este texto com informações da figura central deste texto, penso que Dona Domingas personifica uma existência poderosa “Ponte entre o popular e o erudito” palavras usadas pelo saudoso Luiz Carlos Ribeiro – Ator e Poeta Leverger-MT ao falar de Dona Domingas.

Agora falaremos sobre o enredo do surgimento, Domingas nasceu em São Gonçalo Beira Rio em 21/02/1954, como diria o linguajar cuiabano "ajôjada" (expressão popular cuiabana que significa junto) desde cedo nas tradições e costumes de sua comunidade, o que ratifica o conceito de cultura citado, e para falar deste contexto do surgimento cultural de Dona Domingas qual comunidade é esta onde ela nasceu? Ela nasce na comunidade de São Gonçalo Beira Rio na história que sabemos é que no século XVIII, expedições de bandeirantes paulistas teriam chegado em Mato Grosso, os primeiros indícios de bandeirantes paulistas na região onde hoje fica a cidade se situam entre 1673 e 1682, quando da passagem de Manoel de Campos Bicudo pela região. Ele fundou o primeiro povoado da região, onde o rio Coxipó deságua no Cuiabá, batizado de São Gonçalo.

Nos registros eurocêntricos e alinhados com os saberes da branquitude vão nos mostrar em uma visão um tanto quanto embasada da história, que a ideia dos bandeirantes era capturar índios, no entanto, os saberes populares dos mais antigos da comunidade que verbalizam suas memórias de modo dialético narram que no caso o local uma aldeia dos índios coxiponés da etnia Bororo, havendo indícios de que a busca por a mão de obra escrava escravizar aqueles índios seria importante para os bandeirantes supostamente por que os escravos africanos estavam morrendo de malária e febre-amarela, sabia se em rumores que os índios tinha uma saúde mais forte demorando mais para morrer, o que subentendia que seria uma mão de obra mais duradoura para produção e tomadas de terras que tomavam conta dos brazis, então os



bandeirantes vieram para escravizalos, no entanto alem de escravos encontraram ouro o que fez com que os bandeirantes ali tentassem montar moradia..

As fontes históricas disponíveis informam que o contato inicial dos Bororo com a sociedade nacional remonta ao século XVII, quando as "bandeiras jesuítas" vieram de Belém rumo à região da Bacia do Rio Araguaia e seguiram pelos rios Taquari e São Lourenço, em direção ao Rio Paraguai. Em meados do século XVIII, o contato intensificou-se com as Bandeiras Paulistas e com a descoberta do ouro na região de Cuiabá. Nesse período, a exploração aurífera foi responsável pela cisão do grupo em Bororo Ocidentais e Bororo Orientais (Fonte: Missão Salesiana, 1997 e Saúde/Funai/ADR Rondonópolis, 1997.)

Nos relatos passados verbalmente pelas famílias que resistiram e se mantiveram moradores da comunidade. Conta esta história um tanto quanto arriegada de informações diferentes. Uma das situações que me lembro foi quando perguntei porque São Gonçalo tinha este nome Vovó Domingas então disse com toda certeza que uma pequena imagem do santo foi encontrada por um pescador e esta imagem era a de São Gonçalo dando assim origem ao nome do bairro, esta informação aparece de maneira obscurecida em outras obras literárias. Porem o nome da comunidade se mantém até hoje.

A comunidade fica, à margem esquerda do rio Cuiabá, o primeiro povoado organizado nos modelos dos governos da época só veio a se firmar com a descoberta das minas do Coxipó do Ouro, em meados de 1719, e foi chamado de Arraial de São Gonçalo Beira Rio. Para assegurar o direito de posse da área, foi lavrada uma ata de fundação, no dia oito de abril de 1719. Neste período, a região detinha o porto que permitia a comunicação entre as minas e a Capitania. Por isso, próxima à barra do rio Coxipó, foi erigida uma capela dedicada a São Gonçalo. Em 1914, foi montada nas proximidades do povoado, na margem direita do rio Cuiabá, a Usina de São Gonçalo, com produção de açúcar e álcool, que foi responsável pelo crescimento do pequeno núcleo, no qual os lavradores plantavam canaviais, cujo produto vendiam aos usineiros para o consumo nos engenhos. A decadência da produção açucareira de Mato Grosso na década de 1930, aliada à argila abundante acumulada nas margens do rio Cuiabá e nas várzeas, deu-se assim o processo de progressão da arte artesanal manufatureira da cerâmica, arte da qual Domingas é uma promotora e difusora visto que a mesma preserva o modo original e singular de se fazer a arte na cerâmica, esta arte tornar-se mão de obra de sobrevivência da maioria das famílias da comunidade. Quero aqui fazer um adendo referente ao artesanato de Dona Domingas serem uma verdadeira Obra de uma artista das artes plásticas que merece o reconhecimento de artista que ela é sendo colocado em exposições de grande projeção, algo que não aconteceu ainda visto que a estrutura sistêmica separa e segrega ditando quem é artesão e quem é artista das artes plásticas, o sistema estrutural decide então quem é bom e quem é menos bom. Voltando a delineamento do texto, terminando a década 60, o arraial de São Gonçalo velho foi ligada ao contexto urbano, pois a alteração de sua denominação de São



Gonçalo Velho para bairro São Gonçalo Beira Rio. Em 1992 acontece o tombamento municipal, que declara o bairro de São Gonçalo Beira Rio área prioritária para o estímulo à produção e à comercialização da cerâmica artesanal, território das mais antigas e tradicionais manifestações culturais do município de Cuiabá, e a festa de São Gonçalo como manifestação popular de interesse para o patrimônio cultural do município de Cuiabá. Este espaço geográfico da Cuiabá Mato Grosso, por inúmeras contextualizações fazem o traço cultural forte da região.

Os povos originários índios Coxiponés estão como tarimba de memórias dos corpos e indivíduos moradores de São Gonçalo, e Dona Domingas é um exemplo de um corpo, uma existência que vive esta herança dos índios inclusive por ser neta de uma índia coxiponé. E na comunidade a cultura vibra nas manifestações inúmeras bem como são festas, músicas, artesanato, manutenção da pesca, nas curas buscadas nas plantas, na canoa e na violas feitas de um tronco de árvore, na benzedeira, danças, alimentação, fé e religiosidade estes e muitos outros pontos caracterizam a imagética cultural vivas atualmente na comunidade. Porém a manifestações folclóricas e populares do cururu e siriri, ligados aos quintais, festas de santo, aos artistas oleiros do barro, conferem a peculiaridade daquele lugar. Esta diversidade cultural está confinada a existência de Dr^a Domingas visto que ela é a maior protagonista da defesa, da manutenção e ressignificação da comunidade e suas culturas, sua vida se confunde com a existência contemporânea do bairro.

Sabendo de onde ela vem e como são as realidades e estéticas culturais da manutenção da vida de Dona Domingas como foi a vida de domingas naquele lugar durante estes setenta anos de existência? É importante saber que Domingas não se limitava as dores ou aos prazeres da juventude, das festas e dos namoricos, mas estava sempre imersa nas ações da comunidade e dos eventos, e sempre interessada e articulada politicamente falando.

Domingas desde sua infância foi voz que se propagou, e protagonizou liderança cultural e para enaltecer este fato, está a fundação do primeiro grupo de siriri da comunidade e do estado de Mato Grosso. Nas palavras da própria Dona Domingas "a cultura ninguém falava mais, não tinha apresentação como tem hoje" então ela foi fundadora do primeiro grupo da manifestação folclórica o SIRIRI, o grupo Nova Esperança, Domingas liderou a revitalização do Siriri, inicialmente enfrentando desafios e preconceitos locais, primeiro o medo dos locais de estarem em evidência, isto marca o sentimento de exclusão e opressão vivenciado pelos ribeirinhos naquela época. Porém, resistindo a tudo isto ela unda um grupo com seus familiares e vizinhos da comunidade, ela ainda tinha apenas 16 anos quando começou a perceber que os mais velhos detinham saberes como tocar viola e tamborim, e a mesma se afeiçoou por estas artes, mas foi na década de 80 que aquela mulher cultural ribeirinha miscigenada deu início a reunir os que sabiam mais sobre aquele movimento, os que detinham aquele saber popular cheio de alegria e



emoções, familiares, vizinhos e amigos da região, alguns músicos, outros dançantes, com a ideia de formar um grupo, o qual ela chamou de Nova Esperança, grupo que teve participação até na novela da Ana-raio e zé trovão gravada em Chapada dos Guimarães em Mato Grosso, o grupo tinha o objetivo e levar aquela arte para além das fronteiras de São Gonçalo ao esquecimento, o grupo se fortaleceu, transformando-se não apenas em uma manifestação artística, mas em um símbolo de resistência e identidade cultural para a comunidade.

Sob sua orientação, o Siriri do Centro Oeste Brasileiro ganhou reconhecimento nacional e internacional, promovendo um diálogo intercultural enriquecedor. Além, de sua atuação como mestre das culturas popular. Domingas se destacou como ceramista, artista, cantora, compositora e contadora de histórias, compartilhando não apenas sua arte, mas também o conhecimento ancestral e a rica história da sua região. Mas é no ativismo político que seu trabalho não se limitou a desempenhos artísticos; foi um movimento de valorização e empoderamento cultural, uma mulher que em sua 'parditude', advinda de sua miscigenação, descendente de índios e paraguaios forma um testemunho vivo da resistência e resiliência através da arte e do posicionamento político social. Assim, Domingas não apenas preserva, mas também revitaliza e transforma a cultura ribeirinha, utilizando-a como uma ferramenta de empoderamento e afirmação cultural. Seu legado transcende fronteiras geográficas, inspirando gerações futuras a valorizarem suas próprias raízes e a lutarem contra todas as formas de discriminação e esquecimento cultural.

Este é apenas um curto coletado de informações que identifica a Domingas que em uma postura cultural não aceitou os movimentos culturais impostos a ela, diferente disto, a mulher que não podia se colocar nas rodas de música da manifestação cultural O Cururu, ela se posicionou diferente e ressignificou esta possibilidade, em um desenvolvimento contrativa o patriarcado e as estruturas sistêmicas. Neste contexto vou fazer aqui um paralelo identitário e de mediações culturais com o texto de Stuart Hall, iniciando este paralelo após tudo que já escrevi sobre Dona Domingas e perguntar “Que ‘mulher ribeirinha’ é esta na cultura?” esta frase é tema de um dos ensaios de Hall, e provavelmente é o que se pensa o leitor ao saber quem é Dona Domingas. No caso de Stuart Hall ele está exaltado por aquilo que escreveu, Hall desconversa, pois. “Mais importante do que criar discípulos e alimentar o debate sobre a temática comentário sobre a importância do seu ensaio "Que 'negro' e esse na cultura negra?", que reforçou a metáfora antropofágica ao dizer: "Help yourself." Sirva-se.” Hall. P.12 Partindo desta frase de Hall suponho que existe um diálogo do contato cultural que tive nos anos de 2000 a 2021 com Dona Domingas, observando que no início do texto “Da Diasopora - Identidades e mediações culturais de Stuart Hall.” que vai explorar a complexidade da teoria cultural ao abordar o modo como podemos pensar de maneira não reducionista sobre as relações entre o



social e o simbólico, uma relação constante na especificamente neste caso através da figura de Dona Domingas Leonor da Silva.

Dona Domingas é apresentada neste texto como alguém que adota uma postura que irá realizar um trabalho prático, ratificando a teoria de Stuart Hall que é uma figura central nos estudos culturais e que argumenta contra visões simplistas que reduzem a cultura a uma mera reflexão das estruturas sociais dominantes. Ao invés disso, ele enfatiza a agência dos sujeitos na produção e na reprodução de significados culturais. Nesse contexto, Dona Domingas Leonor da Silva é posicionada como um agente ativo, cujas práticas e ações cotidianas contribuem e dialogam para a construção de uma cultura "popular". A cultura "popular", conforme discutido por Hall, representa uma forma de cultura que emerge das experiências e das práticas cotidianas das camadas populares, muitas vezes em contraposição à cultura dominante associada ao "bloco de poder" referindo me aqui aos grupos que detêm o controle econômico, político e cultural na sociedade.

A vida de Dona Domingas exemplifica como indivíduos comuns não apenas recebem passivamente a cultura, mas também a reinterpretam e a recriam de acordo com suas próprias experiências e perspectivas. Seu trabalho prático pode ser entendido como uma forma de resistência cultural e de reafirmação de identidades que muitas vezes são marginalizadas pela cultura do bloco de poder. Assim, analisando Dona Domingas à luz da teoria de Stuart Hall me permito compreender melhor como as práticas culturais cotidianas não são simples reflexos das estruturas sociais dominantes, mas sim espaços onde as negociações culturais ocorrem, e onde novos significados são constantemente produzidos e contestados. Ela é uma figura icônica de São Gonçalo Beira Rio, Cuiabá, desafia estereótipos culturais e exclusões através de seu comprometimento com a revitalização e preservação da cultura ribeirinha. Fundadora do primeiro grupo de siriri não apenas da comunidade, mas de Mato Grosso, sua liderança é evidência clara de sua habilidade em transformar práticas culturais locais em fontes de orgulho e pertencimento. Enfrentando desafios e preconceitos locais, Dona Domingas não só preserva tradições ancestrais, mas também as adapta às necessidades contemporâneas, fortalecendo assim a identidade cultural de sua região.

A trajetória Cultural de Dona Domingas ressoa com as ideias de Stuart Hall sobre multiculturalismo. Hall argumenta que o multiculturalismo não é uma doutrina fixa, mas um conjunto de estratégias e políticas para administrar a diversidade em sociedades complexas (Hall, p. 52). Dona Domingas personifica essa dinâmica cultural ao recriar e reinterpretar tradições locais, como, por exemplo, ela foi a primeira a trazer um coreógrafo das danças eruditas para coreografar seu grupo de danças tradicionais populares produzindo dialogo entre os costumes das danças novamente quando reestrutura os figurinos do grupo para adaptar se ao



processo chamado de espetacularização do siriri, tornando-as relevantes para seu grupo Flor Ribeirinha e sua comunidade atual, ao mesmo tempo, em que assegura sua continuidade histórica. Assim como Hall discute a hibridização e a articulação constante das identidades culturais (Hall, p. 433), Dona Domingas exemplifica como a cultura não é estática, mas um espaço de negociação e produção contínuas de significados. Seu legado transcende o local e as ideias constituídas, inspirando outros a valorizar suas próprias raízes culturais e desafiando narrativas hegemônicas.

Ao enfrentar os efeitos persistentes do colonialismo, Dona Domingas e sua comunidade resistem não apenas à perda de identidade, mas também à imposição de valores externos. Como Hall observa, o colonialismo reconfigurou profundamente as sociedades dominadas, criando discontinuidades e interconexões que moldam as lutas culturais até hoje (Hall, p. 117). Portanto, Doutora Domingas Leonor da Silva uma guardiã da cultura ribeirinha, é uma liderança plural que, através de suas ações culturais aqui compreendem se um complexo todo chamado Domingas, na música, na dança, na arte da cerâmica e da escultura, na pesca, na delicada forma de produção de pratos da culinária cuiabana, no intercâmbio entre religiosidade, fé e sobrevivência, no curandeirismo ligado as plantas e às orações, na terapia, na didática de passar seu saberes como uma tecelã no tecido cultural, neste todo cultural que descreveria uma página inteira deste texto, ela promove a autonomia cultural e a resistência contra injustiças em seus diversos âmbitos sociais. Seu trabalho destaca a importância das práticas culturais cotidianas na construção de identidades resilientes e na criação de um espaço onde a diversidade é celebrada e fortalecida, tracando rotas e tramando seu proprio destino de modo a respeitar a diversidade e a pluralidade das inumeras vivencias que interseccionam com suas lutas e objetivos.

3.1 A trama intelectual de Doutora Domingas Leonor da Silva

A trama intelectual e afetiva de Dona Domingas se misturam e se conectam, pois Domingas, Mulher, Índia, Descendente de paraguaio, Parda, Ribeirinha, Benzedeira, que como já dissemos nasce às margens do Rio Cuiabá, mais especificamente na comunidade de São Gonçalo Beira Rio, fruto do relacionamento entre uma indígena do povo Coxiponé e um paraguaio, Dona Domingas tem mais de 50 anos dedicados à cultura popular cuiabana. E quando perguntado a ela se ela vinha sozinha nesta luta ela é pronta em dizer:

Sempre ia todos da comunidade, todas as irmandades que nós somos 3 mulheres e 3 homens, todus eles acompanhava desde as festas, minha mãe ia nas festa de santo da comunidade. Eu, ia, como eu era mais espoletada, eu entrava pra dançar, né, sempre gostei e sempre participava. Então, nas festas tinha que ter o cururu, Siriri. As festas de Santo também era tocado com viola de cocho, né, mocho. Olha, eu ia e nunca



faltava uma festa, né, e aí eu fui aprendendo, muito, a gostar de tudo aquilo, desde os bastidores até o salão de dança amava meu querido, rasqueado. E aí, foi crescendo, já tomei o gosto daquilo, criei gosto pela coisa mesmo, tudo aquilo que eu vi ali, né, que é de um berço cultural que a gente vivia...Depois, eu fui ficando mais moça, já cresci, né, e tomei frente na parte da cultura que nosso Siriri e de todas as atividades culturais dali. (Dra Domingas.L.da Silva, Doc. Vídeo - Conto de Flor.)

Como já lemos a intelectualidade Domingas emerge como uma figura singular porem de práticas multifacetadas, cuja vida e identidade se entrelaçam com a rica tapeçaria cultural da comunidade ribeirinha de São Gonçalo Beira Rio, às margens do Rio Cuiabá como acabamos de ler em seus discursos. Sua trajetória de mais de 50 anos dedicados à cultura popular cuiabana é um testemunho vivo das conexões íntimas entre ser e poder, por ser esta mulher neste local neste espaço nestas condições ela obtém este poder afetivo que urge da dor das alegrias dos símbolos que a envolvem ou que ela recria, conforme analisado por Foucault. Domingas ao nascer da união entre uma indígena do povo Coxiponé e um diásporo paraguaio, personifica uma fusão de heranças culturais, heranças estas que são explodidas marcando suas participações ativas desde jovem nas celebrações da comunidade.

Dominguinhas descreve como cresceu imersa nas festividades, envolvendo-se desde os bastidores até o centro das danças do cururu e siriri, rasqueado fundamentais na vida cultural local. Este envolvimento não a conectou profundamente com suas raízes, mas também lhe proporcionou um entendimento vívido da trama afetiva e moral, tal como explorado por Thompson. A economia moral, com suas normas comunitárias e sua resistência à emergente economia de mercado, moldou não apenas as práticas culturais de Dona Domingas, mas também sua visão de mundo e como ela se posiciona dentro da comunidade.

Como leitor faço uma ligação do que conheço de Dona Domingas com a influência de minha leitura do texto, "Costumes em Comum de Eduard Palmer Thompson" pude visualizar esta conexão ou paralelo na maneira como Dona Domingas narra sua educação e valores familiares. Ela destaca a importância da educação primária, do respeito mútuo e do papel central da mãe na transmissão de tradições e na manutenção da disciplina familiar. A abordagem de Thompson sobre costume, lei e direito comum ressoa na descrição de Dona Domingas sobre como a comunidade de São Gonçalo Beira Rio que se adapta e preserva suas tradições frente às mudanças sociais e econômicas. Domingas mantém mesmo neste conceito em sua declaração a trama intelectual e afetiva diante de sua identidade e herança.

No levado da vida e nos ritos de inversão que ecoa na forma como Dona Domingas descreve as festividades e celebrações de sua comunidade. Para ela, esses eventos não são apenas rituais de celebração, mas também momentos de afirmação cultural e social, onde a comunidade reafirma sua identidade coletiva e sua resistência às pressões externas; portanto, personifica em sua trama intelectual não apenas a história viva de São Gonçalo Beira Rio, mas



também oferece uma perspectiva única ao mesmo tempo, plural, sobre como as tradições culturais e sociais são construídas, mantidas e transmitidas ao longo das gerações. Sua vida e narrativa não são apenas uma lembrança do passado, ou uma memória guardada, mas é, sim, um testemunho vivo das complexas interações entre poder, cultura e identidade em contexto local específico.

Aqui com este texto fazendo um paralelo quero ecoar por meio dos saberes a respeito da práxis da vida de Domingas dialogando com o suporte de Eduard. P. Thompson analisando sobre os saberes produzidos, e como nos constituímos através deles.

No pensamento a respeito desta trama afetiva de Dona Domingas, é necessário dizer que “Na complexa organização social dos Bororo a classificação dos indivíduos é feita a partir de seu clã, da linhagem e do grupo residencial. A regra de descendência é matrilinear, de modo que, ao nascer, a criança receberá um nome que a identificará ao clã de sua mãe. Embora exista essa norma ideal de conduta, na prática, ela pode ser manipulada para atender outros interesses” (Novaes, 1986). Nesta linha de raciocínio precisamos citar que as ligações genéticas da Doutora Domingas Leonor da Silva, e as heranças que estão sendo traçadas, agregam ao seu clã e segue de maneira matrilinear como exemplo do texto citado e em seu processo de descendência da etnia Bororo. Para enaltecer este texto quero citar que seguindo a trilha de continuidade na luta seus filhos mais precisamente sua filha Edilaine Domingas, segue como artesã, já foi dançarina do grupo Flor Ribeirinha e hoje é cantora, dirige parte das atividades produtoras do grupo com maestria e pulso firme, Edilaine herda de Domingas sua garra, sua postulação diante da sociedade e do sistema, não aceitando as imposições de um sistema patriarcal que delinieie para ela possibilidades de continuidade e manutenção das lutas de sua mãe. Este processo afetivo de filha, irmã, mãe, avó, amiga que se configura e se materializa na história. Por exemplo, na criação do nome do grupo, aqui trago as palavras da própria Dona Domingas:

Um dia uma professora da UFMT, foi ao quintal e viu o grupo das minhas crianças dançar, e disse que grupo mais lindo! Vai ter uma feira lá na universidade. Eu quero este grupo, pelo amor de Deus, vamos arrumar este grupo”, falei. Beleza. Se arrumar carona, arrumar um carro pra levar, ajeitar tudo pra levar as crianças, estava com 20 crianças mais ou menos já. E aí, não tinha nome do grupo. Era grupo de Siriri, das crianças, grupo de Siriri. Aí tá. Fomos pra universidade, chegamos lá. Mas foi bonito. Dançou as crianças, bonito demais, né? Fizemos saia, tudo de Chitãozinho. Dai, quando foi um dia, eu falei assim pra criançada: “Gente, nós não podemos ficar assim, só vamos botar um nome no grupo, eu falei amanhã à noite tem ensaio, todo mundo vai chegar aqui com o nome já na ponta da língua, pra dar pra gente batizar o grupo.” No dia seguinte eu desci no rio, apanhar água, e na água que tava na beira do rio olhei assim do meu lado tava um aguapé lindo, cô umas florzinha branca, lindo, naquelas folhas verdes. ai assim, pera aí. Agora veio assim, na minha cabeça, dá um nome, esse assim flor ribeirinha. Flor que é as criançada ribeirinha. Já fiquei com aquilo na minha cabeça. Quando chegou de noite, né, depois que todo dançou bonitinha, falei: “Ah, bom, agora nós vamos dar o nome do grupo.” Aí todo mundo, eu já sabia que era um pouco melhor ouvir todo mundo primeiro. depois que todos falaram eu disse espera. Deixa todo mundo dar o nome. Olha, agora eu tenho um nome que eu vou dar



pra vocês, já contei história. Foi lá pra minha bacia com água, peguei, mostrei pra eles está aqui, ó. Sabe porque eu escutei, veio na minha cabeça naquela hora lá no rio, e falou assim: "Domingas, dá o nome de flor ribeirinha, porque são crianças, são as flores daqui da beira do rio. todo mundo aplaudiu. E aí, chamei pra rezá o pai nosso, rezamos, batizamos que as crianças ali que o grupo chamasse Flor de Beirinha. E daí, nós começamos com o pé direito. (Dra Domingas. L. da Silva, Doc. Video Conto de flor)

Depois deste relato afetivo que está tão ligado as memórias emocionais e de pertencimento promovido pelas ações de Dona Domingas, faremos o delineado sobre o afetivo e materialização deste traçado conforme os estudos deste texto, fora isto hoje a maior ação em proporção de alcance midiático ou mesmo que promova a cultura local das ações afetivas de Dona Domingas seria o próprio grupo Flor Ribeirinha, aqui vale citar que todos que estão no grupo a chamam de Vó e a ela se lançam em busca de socorro para sanar seus anseios ou mesmo em busca de afeto familiar. Ressalto a importância das palavras de de seu neto primogenito Avinner Augusto da Silva que tem essa ligação sanguínea e matriarcal com sua avó, hoje ele é o herdeiro principal não só das glórias de sua avó, mas também assume as algos lutas de Dona Domingas, ao mesmo tempo, ele protagoniza a função de projetor, promotor e produtor de memórias e pertencimentos a respeito das vitórias de sua família principalmente de sua avó, o que ecoa e descreve Dona Domingas para além das entrelinhas e imagéticas sociais, à quem disto projeta uma raiz afetiva genealógica denotando acolhimento e amor, pois os conhecimentos e saberes adquiridos tem sido constantemente repassados e ressignificação vencendo as lutas dos preconceitos e da segregação social.

Os Significados e as riquezas herdadas pode ser descritos nas palavras dele que entrou no grupo como um mascote ou mesmo entre os 10 anos e geralmente depois que a Flor Ribeirinha já estava atuando passando alguns 5 ou 6 anos de existência ele entrou no grupo e era o mais adolescentes, ele diz “eu comecei com 10 então e era o mascote então todo mundo achava bonitinho né!” com este discurso entendemos que, saber valorizar as riquezas culturais e afetivas transmitidas pela avó é uma das grandezas do Neto de Dona Domingas, que vai dizer: “A história começa com a Vó Tóla, minha tataravó, e se estende até a minha geração atual, incluindo minha prima Nanda como dançarina, refletindo uma rica herança cultural que permeia nossos projetos” o que simboliza este respeito adquirido as heranças genéticas, e familiares, heranças de um contexto ligado a educação e construção familiar daquela gente. Como diz o próprio Avinner quando fala:

Eu também escolhi é essa trajetória que perpassa pelo campo artístico né, como dançarino como mascotinho do grupo, como eu iniciei pra hoje assumir num contexto de gestão que foi e é através das vivências ali dentro, né. Então Flor Ribeirinha pra mim é uma escola a minha formação humana a minha formação profissional até acadêmica. (Avinner Augusto da Silva,#podolhar 36:52)



Esta contextualização vai abordar a profundidade das trajetórias afetivas e cultural em volta do coletivo social que permeia a existência de Dona Domingas, sendo esta figura central neste texto por ser a mola mestra de preservação e transmissão da cultura dos Bororo, um povo indígena com estrutura social matrilinear.

Através desta análise com poucos, mas ricos detalhes, destaco como Dona Domingas, apesar das normas sociais contemporâneas e eruditas que não valorizam a descendência matrilinear, indo na contra mão do sistema patriarcal teve um papel crucial na continuidade e evolução do grupo cultural Flor Ribeirinha e apoiada e transmissiva no seio de sua família. Dona Domingas, conhecida por sua liderança e dedicação à cultura local e descendências ameríndias do tronco Bororo, exemplifica a importância das conexões familiares e da herança cultural. Seus filhos e netos, especialmente sua filha Edilaine Domingas, e seu Neto Avinner Augusto são herdeiros não apenas de seu nome, mas também de seu compromisso, suas habilidades artísticas. Edilaine sendo artesã, dançarina e cantora, assume um papel de destaque na liderança do grupo Flor Ribeirinha, demonstrando e materializando o que chamamos de legado vivo, porém se tecendo de modo dinâmico que transcende as normas patriarcais e reafirma a importância das raízes matrilineares.

A fundação do grupo Flor Ribeirinha, como narrado por Dona Domingas, é um exemplo vívido do traçado presente na criatividade e criticidade humana, e faz um casamento comprometida com a preservação cultural. Ao batizar o grupo com base na observação de flores à beira do rio, ela não apenas deu um nome, mas também conectou simbolicamente as crianças ao ambiente natural e à herança cultural dos Bororo. Esse ato simboliza a resiliência e a adaptabilidade da cultura indígena diante de desafios contemporâneos.

Além do aspecto cultural, o grupo Flor Ribeirinha também desempenha um papel social significativo na vida das pessoas que dele participam. Dona Domingas é carinhosamente chamada de Vó por todos no grupo, destacando seu papel não apenas como líder cultural, mas também como figura afetiva e de apoio dentro da comunidade. O neto de Dona Domingas, Avinner Augusto da Silva, testemunha sobre como sua avó influenciou não apenas sua formação artística, mas também seu desenvolvimento pessoal e sua compreensão das lutas sociais e culturais enfrentadas pelo povo Bororo. Ao relacionar esses aspectos com o texto de Chimamanda Ngozi Adichie, "O perigo de uma história única", percebemos paralelos interessantes.

Adichie discute como narrativas únicas e estereotipadas podem prejudicar a compreensão e o respeito por diferentes culturas, perpetuando desigualdades e injustiças. "As histórias importam. Muitas histórias importam. As histórias foram usadas para espoliar e caluniar, mas também podem ser usadas para empoderar e humanizar. Elas podem despedaçar



a dignidade de um povo, mas também podem reparar essa dignidade despedaçada (ADICHIE, 2019, p. 32).” No contexto da trama da vida de Dona Domingas e do grupo Flor Ribeirinha, a resistência contra uma história única é evidente: elas não apenas preservam sua cultura, mas também a adaptam criativamente às necessidades contemporâneas, vencendo posturas radicais e extremistas muitas vezes. Ademais, a história de Dona Domingas e de seu grupo destaca a importância de reconhecer e valorizar múltiplas narrativas numa sociedade diversa.

O papel de liderança de Edilaine Domingas e a continuidade do grupo Flor Ribeirinha sobre a gestão de Avinner Augusto denotam como a cultura pode evoluir, se resignificar, e se fortalecer através das gerações, mantendo um equilíbrio entre tradição e inovação. Em conclusão, nesta parte do texto sobre a trama intelectual e afetiva de Dona Domingas não quero apenas ilustrar a riqueza cultural e o afeto entre familiares e de suas heranças, mas também oferecer um pensamento sobre o exemplo poderoso de como a resistência cultural pode ser manifesta através da arte e na vida cotidiana da comunidade. Através da liderança e do exemplo de Dona Domingas, vemos um legado que sobrevive e que também prospera, desafiando as expectativas e redefinindo as possibilidades para as futuras gerações dentro e fora da comunidade Bororo, ressignificando os regimentos capitalistas e opressão as culturas populares e produzida pelos coletivos das minorias.

3.2 O traçado Político

Estes setenta anos onde Doutora Domingas Leonor da Silva vivendo na comunidade São Gonçalo Beira Rio, perpassaram por inúmeras transformações estruturais físicas da comunidade e de suas próprias estruturas residenciais e pessoais, antes a comunidades não era urbanizada, as poucas ruas da comunidade iniciavam na mata e começavam em outra mata, ou seja, não tinha saída, a única maneira de sair da comunidade e chegar a vida urbana era pelo ri, nesta realidade Dona Domingas era esta mulher que enchia a canoa de potes de cerâmica e ia para feira do porto vender sua cerâmica, um marco desta postura comercial e de guerreira é ela na feira do porto gritando “Olha a moringa, olha a moringa quem vai levar?”

Para compreender esta ligação das transformações sociais e culturais em diferentes contextos do traçado político de Doutora Domingas Leonor da Silva, é essencial analisar tanto a trajetória de Domingas na comunidade específica São Gonçalo Beira Rio quanto o impacto mais amplo de mudanças econômicas e sociais, assim fazendo um paralelo como descrito por Edward Palmer Thompson em seu estudo sobre a classe operária na Inglaterra pré-industrial. O texto acima onde tentei fazer um rascunho breve sobre a trama e traçados da vida de Dona Domingas no âmbito cultural, que mostra um pouco da Comunidade São Gonçalo Beira Rio



que antes se evidenciava como comunidade sem a chegada da urbanização, e que passou por uma evolução marcante ao longo de setenta anos da vida, antes predominantemente rural e isolada, a comunidade dependia do rio para acesso à vida urbana, neste contexto destacando se pela liderança esta figura impar Dona Domingas, que não só sustentava sua família através da cerâmica, mas também buscava representação política para desde o início busca melhorar as condições locais.

A luta de Domingas pela preservação da identidade e dos recursos da comunidade em face de mudanças urbanas reflete se como uma resistência semelhante àquela observada por Thompson entre os trabalhadores ingleses, que enfrentaram a imposição de novas disciplinas de trabalho e a racionalização do tempo com o advento da Revolução Industrial. Thompson, ao abordar o tema da disciplina do trabalho e a percepção do tempo na era pré-industrial, ressalta a transição do "tempo da natureza" para o "tempo do relógio". Antes da industrialização, a vida rural era marcada por um ciclo natural de trabalho e descanso, com pouca separação entre atividades laborais e sociais. Thompson destaca que "o tempo da natureza pode ser entendido como uma visão cíclica, isso se deve ao comportamento cíclico da natureza que se expressa nas estações do ano e no comportamento dos animais" (Thompson, 1998, p. 268).

Esta visão cíclica do tempo é análoga à descrição da vida ligada a ruralidade bororo, e ao artesanato na comunidade de São Gonçalo Beira Rio narrado por Domingas sobre o início de sua vida, onde as atividades de subsistência como a pesca e a cerâmica moldavam o ritmo diário, intimamente entrelaçadas com a vida familiar e comunitária desta Mulher que transcende as válvulas políticas da época ali já criando e coproduzindo laços etnográficos fazendo um registro descritivo da política e cultura política material daquele povo ribeirinho.

A introdução dos relógios nas sociedades urbanas europeias trouxe consigo uma nova noção de tempo linear e fragmentado, essencial para o surgimento das manufaturas e da disciplina capitalista. Da mesma forma, as melhorias infra estruturais como a eletrificação e o asfaltamento em São Gonçalo Beira Rio representam uma imposição externa de ordem e modernidade sobre uma estrutura comunitária anteriormente mais ligada fluidez e natureza. Dona Domingas personifica a resistência à imposição de novas ordens temporais e estruturais, porem ao mesmo tempos que resiste dialoga com a modernidade remontando seus pontos de vista e multiplicando suas hipóteses transformacionais. Sua defesa contra a realocação forçada após a enchente de 1974 e sua subsequente liderança na preservação das terras e tradições locais refletem a recusa em aceitar uma nova ordem que não respeite a cultura e os ciclos naturais da comunidade, este fato se compara aos trabalhadores ingleses pré-industriais que resistiam à transformação de seu tempo em uma mercadoria controlada pelos empregadores.

Domingas e sua comunidade resistem à mercantilização ou usurpação de suas terras e



tradições. Porém vai além, produz novos significados para o diálogo habitacional mantendo sua postura e suas tradições. Thompson discute como a educação formal e as instituições escolares foram utilizadas para impor uma nova disciplina temporal aos trabalhadores, visando aumentar a produtividade e a eficiência. Segundo Thompson, "outra forma de introjetar essa percepção do tempo era através da moral, muitas vezes a partir de discursos que condenavam o ócio, as atividades de lazer ou até mesmo um simples ato de descanso" (Thompson, 1998, p. 271).

Em contraste, a educação transmitida dentro de comunidades como São Gonçalo Beira Rio, e mais profundamente a educação repassada por Dona Domingas aos seus filhos e netos, baseada em valores matrilineares inspirada da educação bororo valorizando seus afetos familiares e experiências comunitárias, mantém uma ênfase no respeito pela natureza e pelos costumes e significados. Ambos os contextos demonstram uma evolução contínua das estruturas sociais e culturais em resposta a mudanças econômicas e tecnológicas. Enquanto Thompson analisa as implicações da industrialização na percepção do tempo e na disciplina do trabalho na Inglaterra, a história de Domingas Leonor da Silva acoplada ao São Gonçalo Beira Rio revela a luta contínua da comunidade em um período de marginalização lutando para preservar sua identidade contra as imposições externas de modernização e desenvolvimento urbano desordenado.

Desta forma tanto Thompson quanto a história de Dona Domingas oferecem perspectivas valiosas sobre como as mudanças estruturais influenciam a percepção do tempo, a disciplina do trabalho e a preservação da identidade cultural em contextos diversos, destacando os desafios e resistências enfrentados por comunidades, trabalhadores e diversos indivíduos ao longo dos séculos.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, a trajetória de Doutora Domingas Leonor da Silva, carinhosamente conhecida como Dona Domingas, ou Dominguinhas, transcende as fronteiras físicas de São Gonçalo Beira Rio para se tornar um ícone cultural de Mato Grosso quicá do Brasil. E não Doutora Domingas não é essa mulher sem defeitos ou sem problemas pessoais, ela é humana e assim como todo humano passiva de erros e tropeços, mas a resiliência e postura desta grande mulher, e todo o complexo de sua existência fazem da sua vida e obra, um alerta ao mundo não apenas como um testemunho de resistência e preservação cultural, mas também como um exemplo vivo dos princípios e desafios que exploramos através dos estudos culturais.

Dona Domingas emerge de um contexto social e geográfico específico, marginalizado, não burgues, mas rico em cultura e elitizado em saberes populares, pois lá onde as tradições



ribeirinhas e a identidade cuiabana são fundamentais.

Desde jovem, ela se envolveu profundamente nas manifestações culturais, fazendo uma trama intelectual que desenha um traçado em sua comunidade, desafiando normas de gênero, regras e tabus ao tocar instrumentos em rituais tradicionalmente dominados por homens (cururu). Esse ato não apenas subverteu as hierarquias estabelecidas, mas também posicionou Domingas como uma pioneira sendo ativista feminina dentro das tradições culturais, sociais e políticas de seu local.

Os Estudos Culturais, como campo acadêmico interdisciplinar, oferecem um quadro teórico para entender e interpretar essas dinâmicas, originados na Inglaterra dos anos 60, os estudos culturais questionam as relações de poder e a produção de significados nas sociedades contemporâneas. Raymond Williams e E. P. Thompson, entre outros, iniciaram essas reflexões a partir de suas experiências concretas e da necessidade de abrir espaço para vozes marginalizadas e práticas culturais não hegemônicas. No caso de Domingas, sua atuação não se limita apenas à preservação das tradições, mas também à transformação das relações de poder dentro de sua própria comunidade. Ao liderar vários coletivos inúmeros grupos sociais e principalmente o grupo de dança Flor Ribeirinha e revitalizar manifestações como o siriri e o cururu, ela mais que celebra a cultura local, ela a promove como uma forma de resistência contra as pressões da globalização e da homogeneização cultural.

A resistência cultural de Domingas é intrinsecamente ligada à sua prática como artesã ceramista, como curandeira, como pescadora, alguma das habilidades transmitidas por gerações em sua família. Essa forma de arte não só enriquece visualmente a cultura material da região, mas também serve como um meio de terapia e conexão espiritual com suas raízes ameríndias. Esse aspecto da sua vida dialoga diretamente com os Estudos Culturais ao afirmar a importância das práticas artísticas como veículos de preservação e transformação humana, no caso deste texto ratifico a transformação nos âmbitos e campos cultural, intelectual, afetivo e político. Mais que suas contribuições culturais.

Domingas também é reconhecida por seu ativismo comunitário e social. Ela liderou diversas associações locais e promoveu iniciativas de desenvolvimento sustentável em São Gonçalo Beira Rio, demonstrando um compromisso integral com o bem-estar coletivo e a autonomia da comunidade. Num mundo cada vez mais globalizado e homogeneizado, onde as culturas locais enfrentam constantes desafios de sobrevivência, a figura de Domingas Leonor da Silva se destaca como um farol de esperança e resistência. Seu reconhecimento como Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal de Mato Grosso é um testemunho do impacto duradouro de seu trabalho e um incentivo para que outras comunidades valorizem seus mestres e líderes culturais. Em última análise, a vida e obra de Domingas convidam todos nós



a questionar mais profundamente nossas próprias tradições, a valorizar nossos mestres e a fortalecer os laços comunitários essenciais para a preservação da diversidade cultural.

Como os Estudos Culturais nos ensinam, a cultura não é estática, mas dinâmica e permeável, moldada por relações de poder e pela resistência dos que se recusam a ser silenciados. A história de Dona Domingas nos lembra que, ao reconhecer e honrar nossas raízes, estamos também construindo um futuro mais inclusivo e resiliente para todos.

Apesar de ter ouvido durante minha infância minha mãe falar sobre o “ciumes que sentia quando era mais jovem de Dona Domingas com o meu padrasto por eles terem sido namorados que atravessavam o rio Cuiabá para se encontrar nos bailes”, por mais que pude conhecer pessoalmente Dona Domingas nos anos 2000, foi só quando fui apresentado por conviver bem próximo a ela nos anos de 2010 a 2021 sendo Diretor-executivo da Associação Cultural Flor Ribeirinha e chamado por ela de meu Netinho, “é como ela chama seus músicos e dançarinos do grupo Flor Ribeirinha”, foi então neste espaço que pude sentir de perto a grandiosidade desta mulher. Este sentimento de pertencimento a esta parte da história de Domingas ninguém me tira, porém, isto quem tecla sou eu que não sou neto; imagina como se sentem orgulhosos e bem acolhidos os que são netos de sangue de Dona Domingas. Tive a honra de conviver e assistir de perto esta afetuosa praxá de sentimentos que englobam os aspectos da Diversidade, Cultural, intelectual, sentimental(afetiva) e Política desta relação. Enfim para encerrar o texto quero citar uma letra de uma das canções que como autor compus inspirado na relação de amor, admiração e respeito entre Avinner Augusto e sua vó materna Doutora Domingas Leonor da Silva Quero citar como consideração final a canção composta para ela e “Viva Vovó Domingas”.

Sabe aquele jeito que só vovó é quem tem
Seu abraço envolve, o beijo doce feito mel.
A casa da vó é de Deus ninguém tá só,
tem o revirado é um pedacinho do céu.”

Foi na beira do rio onde 'encontraru' o santo,
Sim na beira do rio que o seu nome é meu canto,
Lá na beira do rio faço amor na canoa,
É na beira do rio que vovó me abençoa

Ô bênçã Vó, Vem cá, pra me contar
enredos da história que é pra nos abençoar.

Ô bênçã Vó, Seu traçado bonito
é trama de memórias, aqui pertencço e acredito

Tudo que respira na vida inspira cuidado,
seu amparo é ouro, das riquezas vó me ensinas.
Rico são saberes, tu me entregas um bocado,
tarimba da vida doutora Vovó Domingas. (Jehferson
Guimarães A. Da Rosa, 2020)

Agradeço Deus a Dona Domingas ao Grupo Flor Ribeirinha a professora Prof^ª. Prof.^a
Revista Diálogos Interdisciplinares – GEPFIP/UFMS/CPAQ



Dr.^a Janete Rosa da Fonseca e Prof. Dr. Cleyton Rodrigues dos Santos Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – por proporcionar esta disciplina de Estudos Interdisciplinares em Literatura e as Pedagogias do Corpo no curso Estudos Cultural PPGCULT UFMS. 2024.

5. REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. 64 p.

BORORO. **Povos indígenas no Brasil**. Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/Povo:Bororo>. Acesso em 15 jun. de 2024.

COLLINS, Patricia Hill; BILGE, Sirma. **Interseccionalidade**. Tradução de Rane Souza. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

DIAS, Tatiana. **Qual a origem da expressão ‘dona’ e as questões que ela desperta**. 2017. Disponível em: <https://conselhomulhertk.blogspot.com/2017/02/qual-origem-da-expressao-dona-e-as.html>. Acesso em 1 jun. de 2024.

DOMINGAS, Wayback Machine. **Muitas mulheres numa só**. Governo do Mato Grosso, 2015.

HALL, Stuart. **Estudos Culturais: dois paradigmas**. In. Da diáspora: Identidades e mediações culturais. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2003.

LARAIA, Roque de Barros. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

SILVA, Domingas Leonor da. Em Nome do Autor "**Cuiabá é tudo para mim**". Ministério da Cultura, 2014.

SILVA, Samuel Iauany Martins. **Subjetividade e verdade à luz do cuidado de si**. 2022.

Uma mulher dedicada à cultura Arquivado Wayback Machine. Governo do Mato Grosso, 2014.

THOMPSON. E. P. Venda de esposas. In **Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

UFMT concede título de Doutora Honoris Causa a Domingas Leonor nesta terça. 9 de dezembro de 2019. Disponível em: <http://novo.ufmt.br/noticias/ufmt-outorga-titulo-de-doutora-honoris-causa-a-domingas-leonor-da-silva-1574176431>. Acesso em 5 mai de 2024.